

FEIRAS LIVRES DA AGRICULTURA FAMILIAR: DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO MUNICÍPIO DE CHAPECÓ-SC

*Juliano Luiz Fossá **

*Cássia Heloisa Ternus ***

*Rosana Maria Badalotti ****

Resumo: O objetivo desta pesquisa constitui-se em identificar os desafios e oportunidades na operacionalização das feiras livres da agricultura familiar no município de Chapecó-SC. Em termos metodológicos esta investigação caracteriza-se como sendo uma pesquisa qualitativa. Quanto à técnica da coleta de dados, utilizou-se a aplicação de questionário estruturado. Neste sentido, foram aplicados questionários com 59 feirantes familiares no município de Chapecó-SC, no período compreendido entre abril e maio de 2018. Entre os principais resultados, foram identificadas, quanto aos desafios, as seguintes questões: 23,7% apontaram para o espaço estrutural das feiras; 18,6% afirmaram que as péssimas condições das estradas do interior são o maior problema; 18,6% relacionam o principal desafio ao baixo volume das vendas; 16,9% dos feirantes entrevistados apontam o projeto de lei em tramitação na câmara de vereadores como entrave – futuro – à permanência na atividade. Quanto às oportunidades de melhoria nas condições gerais das feiras municipais, a divulgação foi o item mais recorrente, pois, 30,5% dos entrevistados afirmaram ser este o principal “caminho” para aumento das vendas. Na sequência, a melhoria da estrutura da feira – espaço de venda, estacionamento e banheiros -, com 16,9% dos posicionamentos. 11,9% dos feirantes entrevistados consideram que o apoio do governo municipal por meio de ações específicas pode constituir-se em significativa oportunidade para melhoria das condições dos feirantes no município de Chapecó-SC. Por fim, considera-se que as feiras livres da agricultura familiar no município de Chapecó-SC apresentam um histórico importante enquanto um espaço de comercialização de produtos da agricultura familiar.

Palavras-chave: Feira-livre; agricultura familiar; Chapecó-SC.

FAMILY FARMING FREE FAIRS: CHALLENGES AND OPPORTUNITIES IN THE MUNICIPALITY OF CHAPECÓ-SC

Abstract: This research aims to identify the challenges and opportunities in the operationalization of family farming free fairs in the municipality of Chapecó-SC. In methodological terms this study is characterized as a qualitative research. Regarding to the technique of data collection, the application of a structured questionnaire was used. In this sense, questionnaires were applied with 59 family farmers in the municipality of Chapecó-SC, from April to May 2018. As main results, the following issues were identified, related to the challenges: 23.7% pointed to the structural space of the free fairs;

* Doutorando em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Técnico Analista na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). E-mail: j.fossa@unochapeco.edu.br.

** Mestre em Economia do Desenvolvimento pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora de Economia na Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). E-mail: cassia_ternus@unochapeco.edu.br.

*** Doutora em Ciências Humanas (UFSC). E-mail: badalottirosana@gmail.com.

18.6% state that the bad conditions of the country roads are the biggest problem; 18.6% relate the main challenge to low sales quantity; 16.9% of the family farmers interviewed pointed out the bill being processed in the city council as an obstacle - future - to the permanence in the activity. About the opportunities for improvement in the general conditions of the municipal free fairs, the most recurring item was the promotion, since 30.5% of the interviewed said that this is the main "way" to increase sales. In the sequence, the improvement of the structure of the free fairs - space of sale, parking and bathrooms -, with 16.9% of the positions. 11.9% of the family farmers interviewed consider that the support of the municipal government through specific actions can constitute a significant opportunity to improve the conditions of the markets in the municipality of Chapecó-SC. Finally, it is considered that the family farming free fairs in the municipality of Chapecó-SC present an important history as a space for the commercialization of products from family farming.

Keywords: Free fair; family farming; Chapecó-SC.

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é a base da organização da agricultura na região Oeste de Santa Catarina. Dado as características regionais, o município de Chapecó-SC posiciona-se como o polo econômico e social dos 118 municípios pertencentes a este vasto território. O contingente populacional estimado para o ano de 2020 era de aproximadamente 225 mil habitantes, sendo que destes mais de 210 mil residentes no meio urbano (IBGE, 2020). A característica de porte médio do município, somado ao seu entorno regional, têm contribuído para a constituição de mercado consumidor convencional, ou seja, potencial de compra tanto em termos financeiros como em volume de produtos. A comprovação da importância desse mercado consumidor se verifica no crescimento considerável da rede supermercadista (varejista e atacadista), inclusive com atração de redes nacionais nos últimos anos¹.

Em paralelo a essa dinâmica regional, as feiras livres da agricultura familiar em Chapecó se colocam historicamente como um espaço alternativo que ao mesmo tempo oportuniza duas condições. A primeira tem caracterizado o estabelecimento de um mercado diferenciado para que os agricultores familiares possam oferecer seus produtos, gerando assim possibilidades de geração de renda e oportunidades de trabalho para o conjunto da família.

A segunda está relacionada ao acesso de parcela da população urbana a alimentos produzidos e comercializados diretamente por agricultores familiares. As feiras livres se colocam como uma alternativa ao mercado convencional de gêneros alimentícios

¹ BIG, Maxx, Atacadão, Carrefour e Fort Atacadista se instalaram em Chapecó-SC a partir do ano de 2012.

principalmente aos produtos de origem animal e vegetal. Entretanto, consideramos que o “fazer a feira” extrapola a simples relação comercial entre vendedores e produtores, pois envolve aspectos culturais, ideológicos e relações econômicas de solidariedade e reciprocidade (POLANYI, 2012).

O objetivo deste estudo é identificar as principais oportunidades bem como os desafios colocados frente aos agricultores familiares feirantes no município de Chapecó-SC. Para alcançar este propósito, este trabalho acadêmico está estruturado, além desta introdução, em outros quatro itens. O primeiro em relação aos aportes teóricos sobre agricultura familiar, mercados e feiras livres no contexto da cidade de Chapecó-SC. Em seguida são discorridos os aspectos metodológicos que guiaram a elaboração da pesquisa. Na sequência apresentamos a análise dos principais resultados dos dados de campo obtidos junto aos entrevistados. Por fim, são tecidas as considerações finais, as quais incluem nossos entendimentos bem como a proposição de estudos futuros.

2. AGRICULTURA FAMILIAR, MERCADOS E FEIRAS LIVRES NO CONTEXTO DE CHAPECÓ-SC

É possível identificar o conceito de agricultura familiar associando-o ao modo como se dá a exploração da atividade (LAMARCHE, 1993). Para o autor, a exploração familiar corresponde a uma unidade de produção onde a propriedade e o trabalho estão intimamente ligados à família. Esses fatores são interdependentes e determinam o funcionamento da exploração, a que se submetem também questões mais complexas como transmissão do patrimônio e reprodução da exploração.

Historicamente, na maioria dos municípios da região oeste catarinense, a estrutura fundiária e atividades econômicas agropecuárias estão perpassadas predominantemente pela existência de pequenas propriedades rurais. Nelas residem famílias que provêm seu principal sustento do desenvolvimento de atividades agrícolas e agropecuárias nas pequenas extensões de terra disponíveis e nas benfeitorias instaladas. Basicamente, a mão de obra necessária para as atividades produtivas advém dos membros da própria família (KUNZLER; BADALOTTI, 2017).

Os aspectos que conformam a caracterização da dinâmica socioeconômica da agricultura familiar na Região Oeste Catarinense na atualidade são resultado de um longo processo histórico, permeado por relações de poder nas esferas econômica, político/institucional, social e cultural que interferiram e em algumas situações

determinaram a sua estrutura nas diferentes dimensões. (KUNZLER; BADALOTTI, 2017).

Aspecto marcante nessa região é a presença de grandes agroindústrias, que desenvolvem suas atividades mediante sistemas de integração vertical estabelecidos com os produtores nas cadeias de carnes e leite. O sistema de integração produtor/agroindústria que é desenvolvido nessa região é decorrente do modelo convencional de modernização da agricultura, focado na especialização de atividades e no aumento de escala de produção (MIOR, 2005). A prática, que transformou a realidade regional a partir dos anos 1960 e recebeu grande estímulo estatal por meio de políticas e instrumentos de pesquisa e crédito agrícola (PLEIN, 2003), possibilitou a efetiva penetração do capitalismo global na agricultura camponesa local, subordinando-a à.

A agricultura na região oeste de Santa Catarina passou rapidamente do modo colonial, em que era autônoma, para o formato de agricultura familiar dependente do mercado. Esse processo de mercantilização foi extremamente seletivo, com maior valorização dos produtos voltados à exportação, como as commodities. Ao mesmo tempo, as agroindústrias instaladas 79 na região passaram a adotar a estratégia de concentração da produção e sua intensificação nas propriedades rurais mais estruturadas (PLEIN, 2006).

A verticalização da produção, sua intensificação e concentração, provocaram a exclusão de milhares de famílias de pequenos agricultores do sistema produtivo convencional, o que aumentou expressivamente a diferenciação econômica no meio rural. Intensificou-se o êxodo rural e mostrou-se evidente a necessidade de constituição de novas formas de viabilização econômica e reprodução social das famílias de pequenos agricultores na região (TESTA *et al*, 2003; PLEIN, 2006; BADALOTTI, 2003; BADALOTTI *et al*, 2007).

Para Schneider (2010), as discussões em torno do potencial da agricultura familiar como modelo social, econômico e produtivo foram fundamentais para a emergência do debate sobre o desenvolvimento rural no Brasil na primeira metade da década de 1990. Conforme o autor, durante muito tempo esse tema esteve unicamente associado ao conjunto de ações intervencionistas do Estado e de organismos internacionais em regiões atrasadas em relação ao processo de modernização implementado pela Revolução Verde. A superação dessa perspectiva surge a partir do processo de redemocratização do país, influenciado pela emergência de propostas inovadoras de mudança social e vinculadas à implementação de regulamentações estabelecidas pela Constituição de 1988. Além disso,

superada a repressão, a própria sociedade civil organizada, através de movimentos sociais, sindicatos, organizações não governamentais (ONGs), associações e cooperativas, passou de uma pauta apenas reivindicatória e contestatória para uma agenda proativa e propositiva.

Diferentes formas alternativas de associativismo e cooperação realizadas entre agricultores familiares na região oeste catarinense têm sido gestadas como estratégias de viabilização econômica e social em muitos casos de uma real possibilidade de mudar de sistema produtivo convencional e repensar os valores frente ao significado que o sistema tem em suas vidas (BADALOTTI, 2003). Entre estas formas, se destacam as feiras livres² que se inserem no debate do contexto acadêmico e de fenômenos concretos associados às cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas³.

As experiências relacionadas às feiras livres no município de Chapecó, considerando a perspectiva das cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas, constituem, expressão de atores envolvidos em uma cadeia de valor na construção de

[...] novas formas de interação entre produção e consumo, mediante o resgate da procedência e da identidade dos produtos, assentada não apenas em critérios de preço, mas também em valores sociais, princípios e significados simbólicos, culturais, éticos e ambientais (SCHNEIDER; GAZOLLA, 2017, p.12).

Parte da literatura que tem debatido sobre processos e dinâmicas de desenvolvimento rural e novas configurações na agricultura familiar tem chamado a atenção para a importância em compreendê-los, no Brasil contemporâneo, mediante a análise de como os atores sociais se vinculam e interagem a partir de relações de sociabilidade e reciprocidade, redes sociais e práticas mercantis diferenciadas àquelas centradas apenas na lógica do mercado capitalista, apontando para a importância em analisar os mercados como construções sociais e permeados por diferentes lógicas de produção, comercialização e regulação das relações mercantis (SABOURIN, 2003; 2006; ABRAMOVAY, 2004; MIOR, 2005; RADOMSKY, 2006; RADOMSKY; SCHNEIDER, 2007; SCHNEIDER; ESCHER, 2011).

As dinâmicas envolvendo as feiras livres em diferentes contextos empíricos podem ser compreendidas por meio da análise institucional desenvolvida por Karl Polanyi em suas esferas econômica, social e política, no que se refere às formas de

² No contexto do município de Chapecó se destacam alguns estudos, entre eles: Cancelier (2007); Locatelli (2009); Pavan (2014); e Vasques (2016).

³ Para o aprofundamento desta discussão consultar Gazolla, Márcio e Schneider (2017).

interação e de institucionalização através da socialização de práticas e de dispositivos de ação coletiva, baseadas em sistemas de regras envolvendo reciprocidade e simetria, redistribuição e centralidade, intercâmbio e mercado. (SCHNEIDER; ESCHER, 2011, p. 192).

Estudo realizado por Pavan (2014) tratou sobre a importância do ambiente institucional para as Feiras de Produtos Coloniais e Agroecológicos no sentido de fortalecer a agricultura familiar do município de Chapecó. A autora verificou a organização e a relação interna entre os agricultores e identificou as possíveis contribuições do fomento público no ambiente institucional das feiras do município, corroborando com a perspectiva da análise institucional ao enfatizar as formas de interação e institucionalização envolvidas “[...] revelou que as feiras livres representam uma alternativa para diversificação de renda e produção, acesso aos mercados e permanência na atividade rural, uma vez que a renda gerada por ela apresenta-se acima da média da região” (PAVAN, 2014, p. 6). No que se refere ao ambiente institucional, a autora identificou que este se encontra constituído por instituições formais e predominantemente informais, que geram “[...] comportamentos baseados na confiança, derivada da frequência das transações, reduzindo a ação oportunista dos agentes e mantendo o equilíbrio do ambiente institucional” (PAVAN, 2014, p. 7).

Vasques (2016), em estudo realizado sobre a inserção de mercado de agricultores familiares que atuam como feirantes na cidade de Chapecó, analisou a confiança, a reciprocidade e as relações de tempo e espaço presentes na dinâmica de prática da feira-livre, concluindo que estes aspectos se apresentam como importantes valores não econômicos que ajudam a construir identidades, que remetem às estratégias de reprodução social e de superação do modelo hegemônico de mercado.

As feiras livres no contexto do município de Chapecó, como parte da dinâmica relacionada às cadeias agroalimentares curtas, de acordo com a tipologia proposta por Renting, Marsden e Banks (2017), podem ser caracterizadas como cadeias curtas face a face, pois “[...] são aquelas em que os agricultores interagem diretamente com os consumidores e aspectos sociais como confiança, autenticidade e interação pessoal são essenciais ao seu funcionamento” (SCHNEIDER E GAZOLLA, 2017, p. 12); e de proximidade espacial, na medida em que os produtos são produzidos e distribuídos “[...] em uma região específica de produção e os consumidores geralmente buscam estes alimentos no local de produção ou em locais de comercialização (SCHNEIDER E GAZOLLA, 2017, p. 12).

Neste sentido, partimos do pressuposto de que a dinâmica de desenvolvimento rural experienciada pelos agricultores familiares feirantes do município de Chapecó se caracteriza enquanto “[...] um ‘processo instituído’, por meio de ‘contra movimentos’ dos atores sociais no contexto das contradições características do capitalismo contemporâneo” (SCHNEIDER; ESCHER, 2011, p. 186), aspectos que serão brevemente abordados nos itens a seguir.

2.1. Caracterização das feiras livres no município de Chapecó-SC

As condições e as dinâmicas regionais, tanto da agricultura familiar, como da crescente população urbana no decorrer dos anos de 1980, proporcionaram medidas para instalação de feiras livres no município de Chapecó-SC. De um lado, os agricultores familiares que enfrentaram a crise econômica, especialmente da suinocultura, se viam obrigados a encontrar alternativas para complementação da renda familiar. De outro, a população crescente do meio urbano se colocava como um mercado potencial para compra diretamente de agricultores familiares por meio das feiras livres.

Vasques (2016) demarca no ano de 1991 a primeira iniciativa de feira livre no município, localizada na Rua Índio Condá ao lado do estádio municipal na região central da cidade. Esta por sua vez não contava com nenhuma infraestrutura para além das barracas dos próprios feirantes e era realizada na calçada. Neste mesmo ano foi criada a Associação dos Feirantes de Chapecó (APROFEC) que já caracteriza certo grau de organização desses feirantes. Somente no ano de 1998, no primeiro mandato do prefeito José Fritsch, a feira foi transferida para um terreno alugado pela prefeitura municipal próximo ao terminal urbano (CANCELIER, 2007).

Neste novo espaço a feira passou a contar com 26 bancas de comercialização e contemplava o número de 60 famílias de agricultores (PAVAN, 2014). A gestão executiva municipal 1997-2003 foi um marco histórico no que se refere ao apoio às feiras livres, pois, segundo Vasques (2016) no ano de 1999 já existiam na cidade 09 espaços de comercialização que estavam presentes nos principais bairros e na região central da cidade. Entre 2001 e 2004 ocorreram melhorias na infraestrutura dos espaços, especialmente da feira localizada no calçadão da cidade. Além disso, neste período surgiram mais dois novos espaços localizados no bairro Cristo Rei e Jardim do Lago (LOCATELLI, 2009).

Segundo Pavan (2014), em 2007 foram realizados investimentos tanto da APROFEC como da prefeitura na infraestrutura do espaço central localizado próximo ao

terminal urbano e em 2012, dado a grande procura o local foi transferido novamente. Ainda segundo a autora, este novo espaço contemplou 31 bancas de comercialização, estacionamento e banheiros. Entretanto, a infraestrutura deste espaço é uma das principais queixas dos feirantes, conforme observado em nossa pesquisa de campo.

As feiras livres de Chapecó se constituem no processo histórico como uma conquista dos agricultores junto à sociedade e ao poder executivo municipal. As feiras representam um importante canal de comercialização para os agricultores e que de certa forma demonstra a capacidade de organização dos feirantes bem como da APROFEC. Contudo, aponta-se que tanto as condições estruturais dos espaços de comercialização como a publicidade das feiras são um desafio colocado para os próprios agricultores como também para o poder público municipal.

3. METODOLOGIA

O conhecimento científico aperfeiçoa o uso da racionalidade ao propor uma forma sistemática, metódica e crítica para desvelar e para explicar os fenômenos sociais (KOCHE, 2015). Em termos metodológicos, a pesquisa aqui apresentada optou por uma abordagem qualitativa e um arcabouço analítico descritivo. Denzin e Lincoln (2006) caracterizam o “fazer” do método qualitativo como sendo o de um “confeccionador” de colchas, ou seja, um trabalho artesanal, realizado com muito cuidado, que por sua vez exige um rigoroso cuidado a todos os detalhes. A metodologia qualitativa possibilita dois aspectos fundamentais aos pesquisadores: um olhar interdisciplinar e o aprofundamento do objeto de estudo.

Para coleta de dados, utilizou-se de um questionário estruturado com questões abertas que abordaram as principais dificuldades e aspectos a serem melhorados no que diz respeito às percepções dos entrevistados. Neste sentido, foram aplicados 59 questionários com agricultores familiares de nove espaços de feiras no município de Chapecó-SC, sendo que duas localizam-se no centro da cidade e as demais em 06 bairros distintos no município de Chapecó-SC. A coleta de dados ocorreu no primeiro semestre do ano de 2018.

Quanto à técnica para análise dos dados, optou-se pela análise de conteúdo nos termos expostos por Bardin (2016), ou seja, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (interpretação). Além disso, apoiou-se na utilização do *software* Atlas.ti, versão 8.4.22.0. A partir disso, os resultados foram descritos no sentido de responder aos objetivos propostos.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Ao apresentarmos os principais resultados identificados na coleta de dados, iniciamos por uma breve caracterização do conjunto dos 59 agricultores familiares feirantes. Em relação à distribuição dos entrevistados por sexo, 62,7% eram homens e 37,3% eram mulheres, o que demonstra que o espaço da feira ainda é um local predominantemente masculino. Por outro lado, não significa que essas mulheres (esposas, filhas, noras, mães, etc.) estejam fora do processo de produção no interior da unidade familiar.

O conjunto total dos entrevistados está na atividade de feirantes há pelo menos um ano, existindo casos de agricultores que estão vinculados às feiras livres há mais de 10 anos. Na média, a quantidade em anos de atuação como feirante é de 5,5 anos, ou seja, um grupo com certa experiência na atividade, constituindo relações comerciais consolidadas entre o agricultor e o público urbano. A quantidade de feirantes entrevistados por espaço/ localidade de comercialização consta na Tabela 1.

Tabela 1 – Quantidade de feirantes entrevistados por localidade.

Localidade	Quantidade de Feirantes Participantes	Localidade	Quantidade de Feirantes Participantes
Bela Vista	5	Parque das Palmei	3
Centro - Calçadão	9	Presidente Médice	9
Centro - Terminal Urbano	15	Santo Antonio	2
Cristo Rei	4	São Cristóvão	8
Efapi	4	--	--
Total		59	

Fonte: Pesquisa de campo, elaboração dos autores (2020).

Quanto aos produtos comercializados, estes apresentam significativa variedade e diversificação quando se observam os nove espaços de feiras livres contemplados em nosso estudo. Contudo, a feira do Centro – Terminal Urbano é a mais estruturada em termos dessa diversificação e opções ao público consumidor. As feiras do Centro – Calçadão e do bairro Presidente Médici apresentam uma variedade regular de produtos, enquanto as demais apresentam baixo número de opções de produtos ao consumidor.

Os principais produtos ofertados são verduras, hortaliças, frutas, feijão, queijo, leite, outros derivados do leite, produtos suínos, sucos, mel, peixes, pães, bolachas e outros panificados. Além destes, há comercialização de flores, cachaças, erva-mate, massas e grãos naturais como a castanha de caju, linhaça e granola. Na feira do Centro – Terminal Urbano há ainda um espaço de comercialização de lanches como pastel, pão de

queijo, bolos e cafés que atrai um número significativo de clientes dado a qualidade dos produtos e o atendimento familiar oferecido.

Vasques (2016) identificou nas dez feiras livres pesquisadas uma significativa variedade de produtos entre panificados, derivados de origem animal, forma in natura ou processada e produtos de origem vegetal, destacando-se os produtos in natura e de origem vegetal.

A variedade e a dinâmica de cada feira estão diretamente ligadas à estrutura física e à demanda por parte dos consumidores. Enquanto nas feiras do centro da cidade a estrutura é adequada, as dos bairros, em geral, estão significativamente fragilizadas, refletindo assim na demanda e conseqüentemente na variedade dos produtos comercializados.

Nesta esteira, outro aspecto fundamental observado é o grau da garantia de renda oriunda da comercialização dos produtos na feira, ou seja, a dependência econômica para o sustento do grupo familiar. Sobre isto, 32,2% dos entrevistados assinalaram que a feira representa acima de 90% dos rendimentos familiares. Entre 50% e 90% de contribuição da feira para a garantia de renda da família estão 25,4% dos feirantes entrevistados e na faixa entre 30% e 50% estão 20,4%. Apenas para 22,0% dos entrevistados a feira significa até 30% dos seus rendimentos.

Esses dados ressaltam a importância e a relevância que a participação na feira assume para a garantia do sustento familiar e que a ampliação desses espaços possibilitaria a um maior número de agricultores o acesso à renda ou sua complementação. Isto porque, Vasques (2016) verificou que para 68% das famílias de agricultores familiares feirantes no município de Chapecó, este mercado de proximidade afere mais de 50% em relação a sua principal fonte de renda.

O grupo de feirantes, quando questionados sobre os principais desafios no contexto atual, apontou para alguns elementos os quais estão sintetizados nas seguintes categorias: *i)* condições estruturais dos espaços onde são realizadas as feiras livres; *ii)* as condições das estradas do interior; *iii)* quantidade de venda; *iv)* Projeto de Lei Ordinária municipal de Chapecó-SC 97/2018.

Em termos relativos os desafios foram elencados na seguinte ordem: 23,7% apontaram para o espaço estrutural das feiras; 18,6% afirmaram que as péssimas condições das estradas do interior são o maior problema; 18,6% relaciona o principal desafio ao baixo volume das vendas; 16,9% dos feirantes entrevistados apontam o projeto

de lei em tramitação na câmara de vereadores como entrave – futuro – à permanência na atividade.

Em nossa análise, o principal receio se materializa no Art. 22 do referido projeto de Lei, pois este possibilita a transferência dos custos de toda a operacionalização dos locais de feira livre para os agricultores. Isso significa também a saída do município como agente incentivador e transfere aos feirantes e conseqüentemente aos consumidores este custo, hoje efetivado pelo governo municipal.

Art. 22º As despesas das feiras-livres, compreendidas os custos de locação, fornecimento de energia elétrica e água, manutenção, limpeza e conservação, fornecimento de sanitários móveis e demais encargos mantidos pela Municipalidade para o seu funcionamento *poderão* correr por conta exclusiva aos usuários de cada unidade de feira-livre em qualquer época. (CHAPECÓ, 2018, grifo dos autores).

A palavra “poderão” grifada no texto nos remete a um duplo entendimento, o primeiro é de que não havendo disponibilidades orçamentárias por parte do município, este assumirá as obrigações e não havendo transfere para os feirantes. O segundo pode estar relacionado à questão política, ou seja, resquícios do velho patrimonialismo da administração pública, onde o agente político se utiliza de sua posição, de seu poder para pressionar e fazer pressão na busca de angariar apoiadores no período eleitoral.

Em relação às oportunidades, elencamos as seguintes categorias que surgiram através da pesquisa de campo: *i)* maior publicidade das feiras-livres; *ii)* melhoria da infraestrutura dos espaços; *iii)* um maior apoio por parte da prefeitura municipal. No que se refere às indicações dos feirantes, os resultados foram da seguinte forma: a publicidade e divulgação foi o item mais recorrente, 30,5% dos entrevistados afirmaram ser este o principal “caminho” para aumento das vendas.

Na sequência, a melhoria da estrutura da feira – espaço de venda, estacionamento e banheiros -, com 16,9% dos posicionamentos. Por outro lado, 11,9% dos feirantes entrevistados consideram que o apoio do governo municipal por meio de ações específicas pode constituir-se em significativa oportunidade para melhoria das condições dos feirantes e dos espaços de feira no município de Chapecó-SC.

Pavan (2014) também identificou em seu estudo com os feirantes que melhorias nos projetos e programas para a agricultura familiar, como as feiras livres, constituem significativas oportunidades para aumentar a renda e possibilitar a permanência das famílias de agricultores no meio rural. Destaca-se também a necessidade de implementar ações e estratégias de divulgação e incrementar a comercialização e incentivos fiscais de

produtos orgânicos, o que contribui substancialmente para beneficiar a qualidade de vida dos consumidores.

De todo modo, os resultados evidenciam problemas reais que se colocam como verdadeiros desafios a serem superados quando a continuidade das feiras da forma como estão constituídas na atualidade. A continuidade das atividades, a partir dos dados, reflete a necessidade de uma mudança de trajetória, especialmente por parte da estratégia dos agricultores e suas associações no sentido de ampliar as capacidades próprias de superação das dificuldades relatadas pelos sujeitos entrevistados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo familiar é a principal forma de organização da agricultura no município de Chapecó. Isto posto, iniciativas da categoria quanto à melhoria de suas condições de trabalho sempre tiveram apoio da sociedade e do governo municipal. Este apoio também se deu nas iniciativas de comercialização em cadeias curtas da produção local/ regional.

As ações e os programas de incentivo à agricultura familiar por meio das feiras livres no município de Chapecó, a partir do final dos anos 80, representam importantes processos de viabilização econômica e social para os agricultores familiares feirantes, pois constituem processos institucionalizados. Além disso, contrapõem-se ao mercado convencional hegemônico relacionado às atividades de integração.

No que se refere ao ambiente institucional interno e externo, as feiras livres constituem importantes espaços diferenciados de organização econômica e política através da socialização de práticas e dispositivos de ação coletiva, baseadas em sistemas de regras envolvendo reciprocidade e simetria, redistribuição e centralidade, intercâmbio e mercado, caracterizando novas formas de interação entre produção e consumo, através da procedência e identidade dos produtos assentada não apenas nos preços, mas principalmente em valores sociais, princípios e significados simbólicos, culturais, éticos e ambientais.

Em relação ao caso pesquisado, no que diz respeito aos desafios e oportunidades na operacionalização das feiras livres da agricultura familiar no município de Chapecó, identificou-se a importância da diversidade de produtos comercializados, oportunizando o aumento da renda dos agricultores familiares através da cadeia agroalimentar curta expressa pelas feiras livres.

No que tange aos desafios, identificou-se a necessidade de constituir condições estruturais dos espaços onde são realizadas as feiras livres; implementar condições de

infraestrutura no que diz respeito às estradas do interior para melhorar a logística objetivando o escoamento dos produtos e por fim implementar ações e estratégias de divulgação a fim de incrementar a comercialização.

Em relação às oportunidades, estas se colocam na medida em que os desafios são superados, entretanto, conforme apontado nos resultados, uma maior divulgação dos espaços de comercialização atrelada à melhoria das condições de infraestrutura assume condição fundamental no horizonte futuro das feiras de Chapecó.

A superação do impasse quanto ao projeto de Lei em tramitação no legislativo é outra medida que permitirá tranquilidade ao conjunto de famílias feirantes. Ainda no horizonte das possibilidades se coloca a questão da certificação das unidades produtivas enquanto produção orgânica e agroecológica, o que por sua vez se coloca como uma alternativa para agregação de valor aos itens comercializados.

Por fim, registra-se a importância da realização de estudos que busquem aprofundar as questões relacionadas às feiras livres, especialmente por ser um espaço que oportuniza geração de renda aos agricultores familiares e significa ao consumidor urbano um importante local de acesso à compra diretamente do agricultor familiar. Alguns questionamentos ainda permanecem sem respostas, como por exemplo: Qual o papel do executivo municipal em relação às demandas existentes nos espaços de feiras? Quais as estratégias por parte dos agricultores familiares devem ser tomadas para atrair um maior número de consumidores? Qual é a responsabilidade da sociedade em geral no fortalecimento das feiras livres do município de Chapecó? Sugere-se que estas respostas possam ser respondidas em estudos futuros.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Entre Deus e o diabo: mercados e interação humana nas ciências sociais. In: **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 35-64, nov/2004.

BADALOTTI, Rosana Maria. A cooperação agrícola e a agroecologia como base para a viabilização da agricultura familiar no oeste catarinense: o papel da APACO (Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense) e demais agentes sociais. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – **Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, UFSC, Florianópolis, 2003.

BADALOTTI, R. M. *et al.* Reprodução social da agricultura familiar e juventude rural no Oeste Catarinense. In: **VII Reunião de Antropologia do Mercosul** - UFRGS, Anais... Porto Alegre, Brasil, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

CANCELIER, Janete W. A agricultura familiar como agente produtora do espaço rural no município de Chapecó – SC. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) - **Centro de Filosofia e Ciências Humanas**, UFSC, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população**. 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: 24 jul. 2020.

KOCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

KUNZLER, L. L.; BADALOTTI, R. M. Cooperação alternativa como estratégia de viabilização da agricultura familiar: o caso da Cooperativa Central Sabor Colonial. In: **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 39, p. 320-352, mai/2017.

LAMARCHE, Hugues (Coord). **Agricultura Familiar**. Volume I - Uma realidade multiforme. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

LOCATELLI, Débora Regina Schneider. Avaliação da qualidade da feira de produtos coloniais e agroecológicos de Chapecó – centro 1 por parte dos consumidores. 89 p. Dissertação (Mestrado), **Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Administração**, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2009.

PAVAN, Daiane. **Ambiente institucional para o fortalecimento da agricultura familiar: estudo de caso com agricultores participantes de feiras livres**. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2014.

PLEIN, Clério. As metamorfoses da agricultura familiar: o caso do município de Iporã d'Oeste, Santa Catarina. Dissertação (Mestrado), **Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural**, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

PLEIN, Clério. A modernização da agricultura brasileira e seus efeitos sobre a agricultura familiar no oeste catarinense. In: **Revista Faz Ciência**, Unioeste, Vol. 08, n. 1, 2006, p. 35-72.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2012.

RADOMSKY, G. F. W. Reciprocidade, redes sociais e desenvolvimento rural. In: SCHNEIDER, S. (org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 104-133.

RADOMSKY, G.; SCHNEIDER, S. Nas teias da economia: o papel das redes sociais e da reciprocidade nos processos locais de desenvolvimento. In: **Soc. estado.**, Brasília, v. 22, n. 2, p. 249-284, Aug/2007.

RENTING, H.; MARSDEN, T.; BANKS, Jo. Compreendendo as redes alimentares alternativas: o papel de cadeias curtas de abastecimento de alimentos no desenvolvimento rural. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. p. 27-51.

SABOURIN, Eric. Dádiva e reciprocidade nas sociedades rurais contemporâneas. In: **Encontro norte e nordeste de Ciências Sociais**, XI, 2003, Aracajú, Anais... Aracajú: UFS, 2003, v.1, p.1-26

SABOURIN, Eric. Práticas sociais, políticas públicas e valores humanos. In: SCHNEIDER, S. (org.) **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006. p. 215-239.

SCHNEIDER, Sérgio. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. In: **Rev. Econ. Polit.**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 511-531, Set/ 2010.

SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. A contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, n. 27, mai-ago/ 2011, p.180-219.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. (Orgs.). **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017, p. 9-24.

VASQUES, Samuel Tafernaberri. Dinâmicas sócioeconômicas na prática dos feirantes agricultores familiares de Chapecó – SC. Dissertação (Mestrado), **PPGDR**, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2016.

Recebido em 25 de janeiro de 2021 e aceito em 24 de fevereiro de 2021.